



Antecedentes da revolução na Rússia

Oswaldo Coggiola

A nova Rússia tomou um caráter particular em consequência do fato de que ela recebeu o batismo capitalista, na segunda metade do século XIX, do capital europeu que se apresentou sob sua

forma mais concentrada e mais abstrata, como capital financeiro

(Leon Trotsky, 1905)

A exportação de capitais, o meio encontrado para sair da depressão econômica nas metrópoles capitalistas europeias, incorporou rápida e violentamente a grande maioria dos países e regiões à economia mundial, introduzindo as relações capitalistas de produção em suas economias e sociedades. Os principais teatros da expansão capitalista foram a América do Norte (os EUA) e a Rússia. Segundo Marx e Engels: “Ambos os países proviam a Europa de matérias primas sendo ao mesmo tempo mercado para a venda de seus produtos industriais. De uma maneira ou de outra, eram, portanto, pilares da ordem europeia vigente”. Isso mudou a partir da segunda metade do século XIX, quando a exportação de capitais alterou decisivamente as relações entre as classes e as relações internacionais, em primeiro lugar na própria Europa. Qual era, nesse quadro, a situação do Império Russo?

No início da era moderna, na Rússia, “mais cedo do que em, qualquer outra região da Europa, tornou-se evidente o impulso para uma monarquia militar grassando no seio da aristocracia. Tal deveu-se ao traçado da pré-história do Estado de Kiev e à tradição imperial bizantina que ele transmitiu através da caótica Idade Média russa por intermédio da ideologia da ‘Terceira Roma’... menos importante do que a constante pressão material exercida pelos pastores tártaros e turcomanos da Ásia Central. A suserania política da Horda de Ouro se manteve até o século XV (mas) faltava aos cavaleiros tártaros a capacidade de conquistar ou ocupar com caráter de permanência, no início da época moderna. Mas a Rússia, ‘sentinela da Europa’, tinha de suportar a força de seus ataques; o resultado foi um movimento no sentido de um Estado centralizado... A partir do século XVI, a ameaça militar do Ocidente foi muito maior do que a oriental, já que a artilharia pesada e a infantaria moderna venciam com facilidade os arqueiros montados como armas de guerra... Na Rússia, as fases decisivas da transição para o absolutismo ocorreram durante



capítulos sucessivos da expansão sueca”.¹ Rússia era, nas palavras de Braudel, “a outra Europa”, seu território “uma enorme zona fronteira entre a Europa, que ela protegia, e a Ásia, da qual amortecia, às suas custas, os golpes sempre violentos”. Suas cidades eram “abertas”, “como as da Antiguidade, como Atenas... não unidades fechadas sobre si mesmas e sobre os privilégios de seus cidadãos, como no Ocidente medieval”.

O Estado russo, governado por uma autocracia com características de despotismo asiático, esteve, desde sua origem, sob a pressão das potências ocidentais. O Império Russo, maior império e maior Estado de todos os tempos em área contínua, foi fundado no século XIV, com a derrota dos ocupantes mongóis, ou “tártaros”. Sua raiz foi principado de Moscou, que liderou o processo de formação do Estado, que se expandiu até ao Oceano Pacífico entre os séculos XVII e XIX. Enquanto o comércio entre as nações era ainda pouco considerável, foram as relações militares as que exerceram a influência externa principal sobre a Rússia: não foram os impulsos da própria sociedade russa, mas a pressão militar das potências europeias a que deu forma e natureza ao seu Estado. A necessidade de se manter contra inimigos melhor armados (no começo, principalmente a Lituânia, a Polônia e a Suécia) forçou o Estado russo a criar uma indústria militar. Posta a partir do século X na órbita de Bizâncio, com seu cristianismo “místico” (chamado de *ortodoxo*) e sua liturgia em língua grega, no entanto, a Rússia moderna “só chegou à maturidade no dia em que ela barrou o istmo russo, quando Ivã, o Terrível (ou antes o Temível, 1530-1584) conseguiu apoderar-se de Kazan (1551) e depois de Astracã (1556, passando a controlar o enorme Volga, de suas nascentes ao Cáspio. Esse duplo sucesso foi obtido pelo emprego de canhões e arcabouços [contra os mongóis]²... Todo o Sul do espaço russo já se achava ocupado pelos mongóis, ou tártaros”. A “Terceira Roma”, a “Moscóvia”, passou a ser governada pelos *czares* (equivalente do César romano) e “voltou-se cada vez mais para a Europa”, mas com um sistema de opressão interno destinado a apagar suas particularidades: segundo Braudel, foi um “ideólogo” de Ivã o Terrível, Ivã Peresvetov, quem elaborou a teoria política do terror (que se voltaria, como o Iluminismo europeu, contra seus defensores iniciais). A Rússia moscovita reconstituiu seu Império (antes “kieviano”) contra a Polônia e a Suécia. Simultaneamente, “em profundidade, mas também

¹ Perry Anderson. *Linhagens do Estado Absolutista*. Porto, Afrontamento, 1984, p. 234.

² No mesmo período em que os europeus ocidentais usavam essas mesmas armas para submeter os ameríndios.



desenrolando-se na superfície, a Revolução caminhou através de toda a história da modernidade russa, do século XVI até a explosão de outubro de 1917”³.

Assim, desde a segunda metade do século XVI e na primeira metade do século XVII houve nas regiões ocidentais da Rússia várias revoltas camponesas contra os proprietários e funcionários administrativos polacos. Um papel importante na luta contra os nobres polacos na Ucrânia foi desempenhado pelos cossacos, oriundos da região em volta do Dnieper. A comunidade cossaca era constituída por camponeses ucranianos e bielorrussos que fugiam à opressão dos boiardos, dos *dvoryane*, do Czar e dos funcionários do Estado. Por volta de 1640-1650 rebentou por toda a Ucrânia e Bielorrússia uma revolta popular em larga escala. Os camponeses tiveram o apoio dos cossacos e dos habitantes mais pobres das cidades. O exército camponês foi chefiado por Bogdan Khmelnytsky, a guerra começou na primavera de 1648. Os camponeses começaram a ajustar contas com os nobres polacos e com os proprietários ucranianos locais. Bandos de camponeses vieram juntar-se a Khmelnytsky e em breve a revolta se espalhou por toda a Ucrânia e Bielorrússia. Depois de um tempo, o Estado russo apoiou a luta dos ucranianos e dos bielorrussos contra os seus suseranos polacos. Destacamentos de cossacos do Don e habitantes das cidades tomaram parte na luta. O governo russo ajudou os ucranianos revoltados enviando-lhes víveres e armas. Khmelnytsky voltou-se para o czar Aleixo pedindo-lhe que fizesse da Ucrânia uma parte do Estado Russo. A *Rada* de Pereyaslav de 1654 decretou que a Ucrânia e a Rússia se unissem e se tornassem um só Estado. Tal resultado foi de grande importância na história ulterior.

Em finais do século XVII, uma grande revolta camponesa começou na região do Don, com camponeses fugitivos da servidão e da pobreza. Os cossacos pobres que a encabeçaram eram chefiados por Stepan Razin, um experimentado soldado que atravessara a pé grandes extensões da Rússia e testemunhara os sofrimentos dos servos, o seu ódio amargo e as suas queixas contra os proprietários e os *voyevods* (inspetores) czaristas. A revolta começou com uma expedição através do Volga em 1667. Razin e os seus homens armaram emboscadas a navios, apoderando-se dos seus carregamentos, livraram-se dos funcionários czaristas e convenceram a maioria dos membros das tripulações a juntar-se a eles. Razin e os seus homens dirigiram-se ao Cáspio onde capturaram comboios de navios persas. Em 1669, eles voltaram ao Don; no ano seguinte, a revolta adquiriu um carácter

³ Fernand Braudel. *Gramática das Civilizações*. São Paulo, Martins Fontes, 1989, pp. 470-482.



mais político. Os homens de Razin já não procuravam apenas saquear e tornaram-se uma ameaça para o domínio dos proprietários de terras e dos *voyevodas* (inspetores) czaristas. As forças de Razin tomaram a cidade de Tsaritsyn e depois Astracã. Em todas as cidades que se renderam os governadores foram mortos ou expulsos; os seus arquivos, onde eram conservados os documentos que continham os direitos dos proprietários sobre os camponeses, foram queimados. Camponeses das aldeias vizinhas juntaram-se em massa ao exército de Razin e ergueram-se contra os senhores. Os camponeses devastaram as propriedades dos boiardos e dos *dvoryane*, e mataram seus senhores. Por toda a terra os homens de Razin mandaram proclamações exortando o povo a pegar em armas. Entre os chefes camponeses havia uma mulher chamada Alyona, que chefiou um bando de sete mil camponeses e era muito destemida na batalha. Os camponeses ainda pensavam que um czar hostil que defendia os proprietários poderia ser substituído por um bom czar que compreendesse as necessidades dos camponeses. O Czar enviou um enorme exército contra Razin, chefiado por comandantes experimentados. A revolta camponesa foi esmagada; onze mil homens foram enforcados em três meses. Razin foi trazido para Moscou e submetido a tortura: em junho de 1671 foi esquartejado na Praça Vermelha.

Pedro I (1672- 1725), apelidado “Pedro o Grande”, foi Czar da Rússia de 1682 até a formação do Império Russo em 1721, continuando a reinar como Imperador até sua morte. Foi importante na modernização e ocidentalização da Rússia e derrotou a Suécia na “Grande Guerra do Norte”, marcada pela Batalha de Poltava em 1709. Numa Rússia atrasada, Pedro resolveu abrir uma janela para o Ocidente: empreendeu um périplo de 18 meses pela Europa, em que se fez passar por marinheiro e trabalhar como carpinteiro num estaleiro da Holanda, aprendeu a retalhar a gordura da baleia, estudou anatomia e cirurgia observando dissecação de cadáveres, visitou museus e galerias de arte. Em 1697, organizou uma expedição diplomática à Europa ocidental, a “Grande Embaixada”, na busca de conhecimentos técnicos, militares e náuticos, bem como tentar obter o apoio das restantes nações europeias para fazer frente ao Império Otomano. Oficialmente esta expedição era liderada por Franz Lefort; Pedro integrava-a de incógnito sob o nome de Pedro Mikhailov. Em 1717 deslocou-se novamente à Europa ocidental; logo depois enviou diversas expedições de reconhecimento à Sibéria. O alemão Daniel Gottlieb Messerschmidt recolheu entre 1718 e 1727 dados sobre a geografia, a população e a fauna e flora das regiões ocidental e central da Sibéria. No extremo oriental, a Península de Kamchatka foi explorada por Ivan Jevrejnov e Fiodor Lujin; o extremo norte pelo dinamarquês Vitus Bering (que deu seu nome ao estreito de Bering).



Durante o seu reinado foi adotado o calendário juliano, e houve a simplificação do cirílico e a reforma do sistema administrativo. Em 1703 mandou edificar São Petersburgo, a nova capital da Rússia, um projeto urbanístico de molde ocidental, concebido como uma porta de ligação cultural da Rússia com a Europa ocidental⁴.

O mais notável foi a tentativa petrina de se criar uma espécie de “nobreza baseada no mérito”, com definição dos direitos e responsabilidades de cada categoria ou classe na Rússia, divididas em nobreza, servos e população livre urbana, definindo direitos e responsabilidades da nobreza e, ao mesmo tempo, reforçando a opressão sobre os camponeses. Pedro criou uma “Tabela de Posição Social”, através de um *ukase*, decreto imperial: a tabela- regulava a hierarquia militar, a hierarquia dos funcionários civis do Estado e a hierarquia da nobreza, num total de 14 graus ou classes. O mais alto grau era o dos príncipes, o dos marechais e o do chanceler do Império, beneficiando as autoridades militares, declarando-as acima dos funcionários civis e até mesmo judiciais, o que proporcionou aos oficiais militares facilidade para ter acesso à “Alta Nobreza”. Para tanto criou a Ordem de Santo André, tendo como modelo da Ordem do Espírito Santo da França, que conferia nobreza automaticamente para o agraciado. Isto estendeu a condição da nobreza para aqueles que a conquistassem por mérito pessoal; até então ela só era reconhecida para os descendentes dos Ruríquidas, antigos príncipes do velho estado russo, aos boiardos e aos nobres com ascendência desde os tempos do *Rus'Kievana*. Para os boiardos, Pedro criou o “imposto sobre as barbas”: para a Igreja Ortodoxa a barba era símbolo de reconciliação do Homem com o Divino. Na Corte de Pedro não podia se usar barbas, consideradas uma pratica arcaica, um símbolo de atraso social. Em agosto de 1698 foi emitido o decreto “sobre as vestimentas e estilo dos alemães, a obrigação de fazer a barba e aparar os bigodes, sobre os dissidentes que não andarem neste traje e não cumprissem a obrigatoriedade sobre a barba, e suas consequências”. O “Armorial da Nobreza da Câmara de Heráldica do Senado”, em São Petersburgo, foi dividido em cinco volumes: o Livro de Príncipes do Império, o Livro de Condes do Império, o Livro de Barões do Império, o Primeiro Livro de Aristocratas sem título hereditário (antes da reforma petrina) e o Segundo Livro de Aristocratas sem título hereditário (depois da reforma). Pedro introduziu os títulos de conde e de barão: “O tremendo edifício estatal de Pedro I se ergueu durante e contra a ofensiva do militarismo sueco na Rússia, conduzida por Carlos XII... Desse modo, o poder czarista foi testado e forjado no combate internacional contra o império sueco, pela supremacia no Báltico. A Áustria fora afastada da

⁴ Nicholas Riasanovsky. *A History of Russia*. Londres, Oxford University Press, 2000.



Alemanha pela expansão sueca; o Estado polaco esboroou-se; os Estados russo e prussiano, pelo contrário, repeliram-no e se mantiveram firmes, assumiram seu modo de evolução durante a luta. O absolutismo oriental foi, portanto, fundamentalmente determinado pelas restrições impostas pelo sistema político internacional em que as nobrezas de toda a região estavam objetivamente integradas. Foi o preço de sua sobrevivência numa civilização em que era constante a guerra territorial: o desenvolvimento desigual do feudalismo as forçou a confrontar-se com as estruturas políticas do Ocidente antes destas terem atingido um estágio de relativa transição econômica para o capitalismo”⁵.

Desse modo, em que pese seu caráter “modernizador”, as reformas petrinas consolidaram o sistema nobiliárquico: no final do século XVII, a Rússia era ainda um país de estrutura e base econômica agrária e atrasada; os avanços industriais e manufatureiros do período de Pedro I não tiveram continuidade em seus sucessores. Isabel concedeu monopólios, suprimiu impostos e acabou com os direitos sobre o consumo para potenciar as iniciativas individuais. Catarina “a Grande” estendeu estas reformas, privilegiando a grupos e famílias próximas ao poder. Proprietários agrícolas, criadores de gado, industriais, poderiam vender seus excedentes sem restrições. O efeito econômico das medidas foi que camponeses, que eram a enorme maioria da população, passaram complementar suas economias com “incursões” (empregos temporários) na indústria e o comércio, o que facilitou o aparecimento de centros industriais. Durante o século XVIII, Rússia “recorreu a inumeráveis ocidentais para tudo construir, inclusive a indústria russa, na escala da época. Uma multidão de engenheiros, arquitetos, pintores, artesãos, músicos, professores de canto e governantas se abateram sobre um país ávido de aprender, decidido a tudo tolerar para consegui-lo... A massa inaudita de correspondências e papéis em francês amontoada nos arquivos públicos fala do imenso esforço ao qual a *intelligentsia* russa se entregou de muito bom grado”⁶

O maior desenvolvimento se deu na indústria manufatureira de algodão. O comércio interior, no entanto, continuava sendo escasso; os transportes e as infraestruturas eram péssimas. A arrecadação fiscal estava destinada a cobrir as despesas do exército imperial, e estas aumentaram com a guerra contra a Turquia, durante a qual os preços subiram muito; a pressão fiscal teve outro incremento com o crescimento da administração agigantada pela expansão territorial do império. O sistema tributário russo baseava-se no imposto que pagava o campesinato. As

⁵ Perry Anderson. *Op. Cit.*, p. 236.

⁶ Fernand Braudel. *Op. Cit.*, p. 481.



estruturas sociais russas continuavam idênticas às de Pedro o Grande. A população aumentava. A nobreza evoluía para uma classe parasita relativamente independente ao Estado; o campesinato vivia pobre, explorado e desabrigado. Catarina “a Grande” não favoreceu aos camponeses: em 1765 permitiu-se enviar a servos a Sibéria, em 1767 proibiu-se que os servos demandassem a seus amos e em 1783 extinguiu a liberdade de residência. Nessa época, as tensões no campo se tornaram agudas na região dos Urais, no local, onde, cem anos antes, o cossaco Stepan Razin tinha se tornado uma lenda dos servos oprimidos. Entre os camponeses e os cossacos da região, começou a espalhar-se o boato de que Pedro III, que havia sido morto por ordem de sua mulher Catarina II (1762- 1796), estava ainda vivo e escondia-se nos Urais ou perto do Volga. Em breve apareceria e declararia guerra à imperatriz Catarina, a opressora dos camponeses. O homem que disse ser Pedro III foi Yemelyan Pugachev, um cossaco pobre que havia desertado do exército do czar, percorrera grande parte do país e vira e sentira o sofrimento do povo. A revolta de Pugachev começou em 1773. Os camponeses e os cossacos, descontentes com as condições de servidão, começaram a apoiá-lo. Nas suas proclamações e apelos ao povo, Pugachev prometia libertar todos os camponeses dos seus senhores, dar-lhes a liberdade para o resto dos seus dias, distribuir terras, e pôr as florestas e os rios à sua disposição. Exortava-os a levantarem-se contra os *dvoryane* e todos os que estavam ao serviço do Czar. Ordenou que fossem capturados, mortos e enforcados os *dvoryane* que provocassem a ruína dos camponeses.

O exército de Pugachev tomou algumas fortalezas czaristas e pôs cerco à cidade principal dos Urais, Orenburgo. Tomaram ainda Samara e Krasnoufimsk e cercaram Tchelyabinsk. Mas tendo fracassado na tomada de Orenburgo, Pugachev retirou para a Bachkiria. Servos revoltosos juntaram-se a Pugachev; os povos dos Urais e do vale do Volga que estavam submetidos a uma opressão particularmente dura também aderiram à revolta. Os manifestos de Pugachev eram feitos não só em russo mas em tártaro, na língua dos *bachkirs* e em outras. Alguns chefes desses povos desempenharam um papel de relevo na rebelião. Os servos eram uma parte importante do exército de Pugachev. Nessa altura já havia um grande número de fábricas nos Urais, sobretudo oficinas de ferro e cobre, onde se fabricavam canhões e projéteis. Os homens que os faziam revelaram-se competentes quando foi preciso usá-los. No cerco de Orenburgo os homens de Pugachev revelaram-se também bons atiradores. Pugachev atravessou o rio Kama e tomou as fábricas de Ijevsk e Votkinsk, abrindo assim caminho para Kazan. O próprio Pugachev chefiou o cerco a Kazan e conseguiu tomar a cidade. As riquezas dos *dvoryane* foram divididas pelos homens do exército revoltoso. Mas o êxito de Pugachev foi efêmero. Depois de



abandonar Kazan, Pugachev retirou-se para Sul. A batalha decisiva da guerra camponesa travou-se em Sarepta e, embora o exército rebelde oferecesse uma corajosa resistência, não pôde competir com o exército czarista. Cossacos ricos entregaram Pugachev aos generais czaristas que o mandaram, acorrentado numa gaiola, para Moscou, onde foi executado na Praça Bolotnaya, em 1775, quinze anos antes da revolta dos camponeses franceses que foi o pano de fundo do fim do absolutismo na França.



Pugachev acorrentado na prisão

A Rússia se caracterizava pela sua estrutura econômica primitiva em relação à Europa ocidental e a lentidão da sua evolução social. A sangrenta vitória (1812) contra a invasão napoleônica não deteve a mudança em curso na mentalidade de boa parte dos oficiais russos. Depois da derrota de Napoleão em Waterloo, em 1815, Paris viu-se tomada por três anos (de 1815 a 1818) pelos inimigos que haviam se coligado contra o imperador francês, entre eles o exército russo. Muitos oficiais czaristas, criados e formados sob a dura mão da autocracia, ficaram impressionados com o ar de liberdade e tolerância que encontraram na Europa ocidental. Comentou nas suas memórias o príncipe Volkonski: “As campanhas de 1812-1814 trouxeram a Europa para perto de nós, dando-nos a conhecer as suas formas de governo, instituições públicas e direitos que gozam os seus povos... A nossa vida estatal, os



ridículos direitos do nosso povo e o despotismo do nosso regime revelaram-se pela primeira vez no nosso coração e no nosso pensamento". A consequência foi que quando retornaram para São Petersburgo e Moscou trouxeram junto as "perigosas" ideias iluministas e liberais, as "ideias francesas". Entre eles estava o conde Sergei Trubetskoi, herói da guerra de 1812 e integrante da maçonaria que fundou a "Sociedade Secreta do Norte", célula *mater* da futura *rebelião dos dezembristas*. Como na Rússia a classe média fosse inexpressiva, totalmente sufocada pelo clima opressivo pela aliança entre o Estado despótico e a Igreja Ortodoxa, que imperava sobre uma imensa massa de camponeses rudes e supersticiosos, coube a uma pequena franja da alta nobreza instruída empunhar um programa constitucional.

Na ausência de uma burguesia autônoma ou de um ativo Terceiro Estado, um outro corpo social tomava as bandeiras da liberdade e do progresso e tentava levá-las a diante. Situação que levou Rostopchine, governador de Moscou (1820), a detectar o estranho fenômeno que ocorria no país observando que "ordinariamente são os sapateiros que fazem a revolução para tornarem-se grandes senhores: mas entre nós são os grandes senhores que desejam tornarem-se sapateiros"⁷. A "revolta liberal" teve sua expressão política na rebelião dos oficiais de baixa patente, em dezembro de 1825. A 14 de dezembro de 1825, data da posse do novo Czar Nicolau I, o tenente Panov marchou com sua guarnição para a Praça do Senado, em São Petersburgo, com um documento na mão. Ele e outros integrantes da alta hierarquia militar que o acompanhavam exigiram que o Senado confirmasse a abolição da autocracia e aceitasse a formação de um governo provisório. O manifesto, além de proclamar o fim do regime discricionário, advogava a liberdade de imprensa e a suspensão imediata da censura (feita então pelo Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa Eslava). Todos os russos seriam proclamados iguais perante a lei, abolindo-se assim o sistema classificatório que estabelecia privilégios à nobreza e ao clero e mantinha os camponeses na servidão. As cortes militares, onde eram julgados os crimes contra o Estado, seriam substituídas por cortes civis, abolindo-se os julgamentos secretos e introduzindo-se o tribunal do júri, tanto para os casos criminais como para os pleitos civis.

Nobres, comerciantes, classe média ou camponeses, todos teriam acesso aos cargos militares e clericais, bem como ampla liberdade na aquisição de propriedades e na realização de contratos. Os impostos seriam cancelados, e proibidas as confiscações, enquanto o estado perderia o monopólio sobre o sal e o álcool (a comercialização da vodka, bebida nacional russa, era controlada pelo

⁷ Apud Lionel Kochan. *A Formação da Rússia Moderna*. Lisboa, Estampa, 1962.



Estado). Abolia-se também o recrutamento militar forçado bem como as colônias militares (para onde eram enviados os inimigos do regime, uma espécie de pena das galés a ser cumprida em áreas remotas e inóspitas), se bem que constringia todas as classes ao serviço militar, ainda que reduzido. A administração das comunidades, regiões, governos espalhados pelo império, seguindo um modelo federalista, seria dali em diante escolhidos nos próprios locais e não por um governador a mando do czar. Por fim, encaminhava o procedimento da eleição dos representantes para a Alta Câmara (algo como uma Assembleia Geral do povo russo) para ratificar a forma do futuro governo a ser instalado na Rússia em substituição a autocracia. O czar Alexandre I morrera repentinamente sem deixar um herdeiro para sucedê-lo. O substituto natural para o cargo era seu irmão Constantino, na época, ocupante do cargo de vice-rei da Polônia.

A chegada de Constantino no poder agradava membros da alta cúpula militar imperial. A grande expectativa dos militares era a de que Constantino fosse capaz de empreender reformas liberais e finalmente transformasse a Rússia em uma monarquia constitucional. Mas Constantino abriu mão do cargo, deixando-o sob a incumbência de Nicolau I, seu irmão mais novo. No dia 14 de dezembro, Nicolau I organizou os protocolos que oficializariam sua chegada ao trono russo. Na mesma data, sem ter o mínimo conhecimento sobre a abdicação de Constantino, os militares russos entregaram um manifesto jurando completa fidelidade ao vice-rei da Polônia. Com isso, a Praça do Senado, local da posse, se transformou em um barril de pólvora prestes a explodir. Nicolau I convocou forças militares fiéis ao governo para sufocar a rebelião. Os revoltosos que se puseram contra o governo lutaram sem ter noção de que o novo imperador russo não estava realizando um golpe de Estado; muitos revoltosos gritavam em defesa da Constituição pensando que ela seria a mulher de Constantino. Após a vitória das forças oficiais, o czar Nicolau I empreendeu uma terrível perseguição contra o movimento dezembrista. Além da prisão de três mil pessoas, o novo imperador ordenou o exílio de 120 participantes e o fuzilamento de cinco líderes. A derrota dos dezembristas foi chamada de “fracasso histórico do liberalismo russo”, embora tivesse por efeito avolumar a oposição aos czares.

Por outro lado, a modernização econômica e política se impunha como necessidade de sobrevivência do Império. A indústria militar e o numeroso exército não impediram que, na guerra da Crimeia (1853-1858), Rússia fosse derrotada pelos corpos expedicionários franco-britânicos, (1853-1858), que a impediram de



atingir Constantinopla e ter acesso ao Mediterrâneo, isto é, às “águas quentes”⁸. O primeiro grande fracasso do expansionismo russo teve enormes repercussões internas. O Estado importou técnicos e especialistas na arte militar estrangeiros, até começar a formá-los local e tardiamente no século XIX, assim como também quadros para a crescente burocracia estatal. Os recursos materiais para isso eram extraídos do próprio país, o que significava cobrança de impostos enormes às classes burguesas em vias de formação, e principalmente aos camponeses e pequenos comerciantes que se viram em grande medida forçados a escolher entre a fome e a fuga, o que levou a que se registrasse, durante o século XVII, uma diminuição da população russa. No final século XIX ainda, entre 1885 e 1913, verificou-se um aumento bruto na tributação: houve um aumento de 1,78 vezes da incidência de impostos totais per capita. No imposto indireto, o imposto sobre consumo, o aumento foi de mais de três vezes. Durante esses trinta anos, houve uma política de substituição de impostos diretos por impostos indiretos. Se em 1885, os impostos indiretos eram 37,91% do total, em 1913, perfaziam 64,22%, onerando a população trabalhadora, em especial os camponeses. A percentagem das receitas do Estado destinados ao setor militar foi sempre, durante os séculos XVII, XVIII e XIX, superior a 50%, chegando até 85%.

Quando, sob o reinado de Catarina II, *a Grande*, o Estado encontrou a possibilidade de completar seu financiamento através de empréstimos externos, somou-se à pressão militar a pressão financeira da Europa ocidental: “O financiamento da industrialização russa diferiu do Japão; na Rússia foi maciça a entrada de capital estrangeiro, não somente por meio de empréstimos oficiais e na construção ferroviária, mas também por investimentos diretos na indústria e por empréstimos aos bancos russos”⁹. Essa é a diferença entre o capitalismo “tardio” (Japão) e o capitalismo “periférico” (Rússia). Ao lado da inflação desenfreada da dívida pública devido aos empréstimos, o Estado russo continuava absorvendo, comparado ao Ocidente capitalista, uma porção relativamente muito maior da fortuna pública, minando as bases de desenvolvimento das classes possuidoras e retardando o processo já lento de diferenciação social, configurando “um Estado forte, centralizado e burocrático, carente de mediação de qualquer grupo social capaz de constituir uma ponte social, econômica e política entre ele e as massas

⁸ Orlando Figes. *Crimea. The last Crusade*. Londres, Penguin Books, 2011.

⁹ Carlos A. Barbosa de Oliveira. *Processo de Industrialização. Do capitalismo originário ao atrasado*. São Paulo, Editora Unesp, 2003, p. 254.



camponesas”¹⁰. Esse Estado, que retardava o desenvolvimento da burguesia, procurava simultaneamente apressar sua formação, de cujo apoio necessitava: “Para existir e dominar, o Estado tinha necessidade de uma organização hierárquica de estados (grupos da sociedade pré-capitalista que possuem direitos e deveres particulares definidos por lei). Daí porque, apesar de minar as bases econômicas que teriam permitido a hierarquização, o Estado procurava impô-la através de medidas governamentais”¹¹. A intenção do Estado era aproveitar o desenvolvimento dos grupos econômicos para seus próprios fins específicos, militares e financeiros; a dos grupos econômicos dominantes era utilizar o Estado para consolidar suas vantagens sob a forma de “privilégios de Estado”. A resultante desse jogo de forças foi bem mais favorável ao poder do Estado do que o foi na Europa ocidental, o que explicou a elevação do Estado russo acima da sociedade e a manutenção das forças produtivas em um nível baixo, dificultando a acumulação e, conseqüentemente, o crescimento da divisão do trabalho.

Não havia na Rússia uma separação clara entre a agricultura e o artesanato, que se encontrava tão disperso pelo campo quanto a própria produção agrícola. Sem se separar da agricultura, o artesanato conservou seu caráter de pequena indústria local e jamais chegou a formar, como no Ocidente, cidades comerciais dedicadas ao artesanato. O comerciante nômade russo - intermediário entre produtores e consumidores igualmente dispersos, que exercia um papel importante na economia - não realizava a concentração do capital comercial em grandes centros e nunca ocupou um lugar análogo ao do comerciante europeu ocidental. O comércio russo mal chegara a se desenvolver e já se encontrava sob a ação direta do capital comercial europeu, dando um caráter semicolonial a todo o movimento de negócios, no qual o comércio russo era intermediário entre as cidades do Ocidente e os vilarejos russos. Do início do século XVIII até meados do século XIX, o Império Russo tinha 95% da sua população no campo. Houve uma queda acentuada da população rural no período entre 1859 e 1897 (depois da abolição da servidão) quando, ainda assim, o campo ainda abrigava 87,4% da população.

A redistribuição periódica da terra fazia com que diminuísse o interesse das famílias camponesas na melhoria da terra e na intensificação da produção. O *mir* (comuna rural) fechou a torneira da migração do campo. O resultado disso foi uma situação pouco propícia para aumentar a produção e a produtividade da agricultura (sendo), portanto, escassas as inovações em direção de uma agricultura intensiva. O crescimento da produtividade estava

¹⁰ Eric J. Hobsbawm. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

¹¹ Leon Trotsky. *1905*. Paris, Seuil, 1969, p. 20.



apenas por cima daquele da população, a renda per capita permaneceu estagnada. A produção de batatas e cereais era, em meados do século XIX, quase a mesma de quarenta anos antes... A libertação dos servos de 1861 foi dominada pelos interesses da nobreza, o que impediu o aumento da produtividade do setor agrário, necessária para abastecer a população, a importação de tecnologia e o fortalecimento da demanda de produtos manufaturados. Isso acrescido do fato da agricultura – não os proprietários nobres, isentos de taxaões – se encontrar oprimida por enormes impostos e prebendas¹².

Ao atraso e opressão da enorme população rural-camponesa (os *mukhiks*), a autocracia czarista acrescentava o jugo sobre as populações alógenas conquistadas pela expansão, que faziam parte do Império Russo, no qual constituíam nacionalidades à parte, oprimidas pelos “grandes russos”, tendo algumas delas conhecido no passado um importante desenvolvimento estatal autônomo. Em seu apogeu, o Império Russo incluía, além do território “eticamente” russo, os Estados bálticos (Lituânia, Letônia e Estônia), a Finlândia, o Cáucaso, a Ucrânia, a Bielorrússia, boa parte da Polônia (ou seja, do antigo reino da Polônia), a Moldávia (Bessarábia) e quase toda a Ásia Central. Também contava com zonas de influência no Irã, Mongólia e norte da China.

O Império Russo estava dividido em 81 províncias (*guberniyas*) e 20 regiões (*oblasts*). Vassallos e protetorados do Império incluíam os *khanatos* de Khiva, Bukhara e Tuva. A maior população judia do mundo, além disso, se encontrava na Rússia, onde vivia segregada e marginalizada em zonas de residência (*pale*), e era frequentemente submetida a massacres (*pogroms*) pelas “Centúrias Negras”, alentados pelo czarismo para desviar em sentido antissemita a revolta camponesa contra as condições de vida imperantes. O Império Russo foi o primeiro a praticar o antissemitismo como política de Estado (foi a polícia política czarista quem divulgou os apócrifos *Protocolos dos Sábios de Sião*, peça maior da literatura antissemita mundial). Na segunda metade do século XIX, por sua vez, a independência da Polônia era para os democratas europeus uma causa tão sagrada quanto o fora a independência da Grécia do Império Otomano na primeira metade. As cidades russas modernas surgiram na segunda metade do século XIX, com a transformação completa de seu papel econômico e de sua estrutura de classes. No início do século XVIII, a população urbana russa somava em torno de 3% do total do país. No final do século XIX, essa população já somava aproximadamente 13%. O recenseamento de 1897 mostrou que nos 12 anos precedentes o número de habitantes das cidades

¹² Toni Pierenkemper. *La Industrialización en el Siglo XIX*. Madri, Siglo XXI, 2001, p. 140.



havia aumentado 33,8%, enquanto que nos vilarejos rurais, apenas 12,7%. Até o século XIX, as cidades russas tinham exercido só o papel de centros administrativos e militares sustentados pelo dinheiro público. Sem gerar recursos, a não ser uma escassa concentração de capital comercial, a cidade russa medieval consumia aquilo que lhe era fornecido.



Alexander Nicolaievitch Romanov, Alexandre II da Rússia (1855-1881),
o Czar "modernizador"

Assim como as cidades, a indústria e as classes capitalistas se formaram em apenas algumas décadas, passando por alto todas as etapas que caracterizaram o processo de formação do capitalismo no Ocidente, como o surgimento do pequeno empreendimento e o crescimento progressivo do "Terceiro Estado". A diferença entre os processos de industrialização na Europa ocidental e na Rússia aparecia claramente: se na Europa a manufatura havia crescido sobre a base do artesanato, com a participação deste em todo o processo, na Rússia o artesanato rural continuou produzindo para o consumo imediato da população, não para a indústria capitalista, enquanto a indústria era estabelecida utilizando-se da única mão de obra disponível, a dos servos, para trabalhar para o Estado e, em parte, para as altas camadas da sociedade. Não foi, portanto, nem o artesão nem o pequeno ou grande comerciante que sentiu a necessidade de se criar uma forte e vasta indústria, mas o Estado, que buscou a instalação de manufaturas nacionais a serviço do exército e da frota. A introdução do capital, da técnica e do saber ocidentais conduziu ao fortalecimento da autocracia czarista, freando o desenvolvimento econômico do país e acentuando a servidão como forma de organização do trabalho.



A servidão, na medida em que excluía qualquer possibilidade de modernização da produção, foi a causa principal do marasmo que persistia na indústria desde Pedro o Grande. A sua abolição se impôs como necessidade econômica em meados do século XIX. Na medida em que a nobreza agrária era contrária à abolição, a burguesia, ainda muito fraca para defendê-la, e os camponeses mal organizados para impô-la, ficou para o próprio Estado (que tinha sido até o momento o perpetuador do regime de servidão), apoiado pelos burocratas nobres e os proprietários industriais, a tarefa de levar a cabo a reforma abolicionista, a “emancipação”.

Em 1861, após a derrota na guerra da Crimeia, o czarismo decidiu colocar diante do capital a rota do progresso através da “libertação” dos servos. De 1796 a 1859 a população total dobrara (de 36 a 74 milhões), mas a população de servos permanecera praticamente a mesma (de 20 a 22,7 milhões). A sua participação percentual diminuiu nesse período de 55,5% a 30,7% do total, ou seja, de metade a um terço da população. Isso significa que os a maioria dos 38 milhões de indivíduos incorporados à população russa entre 1796 e 1859 não integraram a população de servos, e que já existia uma tendência para a queda antes da emancipação em 1861¹³. A abolição foi um exemplo das *combinações* próprias dos países capitalistas atrasados, isto é, a resolução por uma classe dos problemas que são de interesse objetivo de outra classe social¹⁴. A burguesia liberal, inexpressiva social e politicamente, a tudo assistiu docilmente. A lei da servidão, nascida no final do século XVI e estabelecida no XVII, atingiu seu auge no XVIII, sendo abolida apenas em 1861: “A partir desse momento abriu-se um novo período de desenvolvimento econômico do país, caracterizado pela rápida formação de uma reserva de trabalho

¹³ Paul R. Gregory. Economic growth and structural change in Czarist Russia: a case of modern economic growth? *Soviet Studies* vol. 23, n° 3, Londres, 1972.

¹⁴ O desenvolvimento desigual pode ser observado tanto dentro de fronteiras nacionais, e nesse caso significa crescimento diverso dos ramos da economia, da sociedade e suas instituições, e a presença de traços culturais contraditórios, ou então entre nações. Neil Smith, estudando a dimensão espacial do desenvolvimento capitalista, concluiu em que a desigualdade espacial apenas faz sentido como parte de um todo que é o desenvolvimento contraditório do capitalismo. O desenvolvimento desigual demonstra a possibilidade de coexistência numa mesma sociedade de elementos díspares e até contraditórios, remanescentes de etapas históricas passadas, e a fusão de elementos desigualmente desenvolvidos como forma de superação da desigualdade precedente: “Os países atrasados assimilam as conquistas materiais e ideológicas das nações avançadas. Mas isto não significa que sigam estas últimas servilmente, reproduzindo todas as etapas de seu passado... Forçado a seguir os países avançados, o país atrasado não se conforma à ordem de sucessão... O desenvolvimento de uma nação historicamente atrasada leva necessariamente a uma combinação original de diversas fases do processo histórico. Aqui, o ciclo apresenta, enfocado em sua totalidade, um caráter irregular, complexo, combinado” (Leon Trotsky. *Histoire de la Révolution Russe*. Paris, Seuil, 1950).



'livre', pelo rápido alastramento do sistema ferroviário, construção de portos, afluxo incessante de capitais europeus, europeização da técnica industrial, crescimento dos incentivos e do crédito, aparecimento do ouro no mercado, um forte protecionismo e a inflação da dívida pública"¹⁵ - tudo isso sob o forte controle burocrático e policial do Estado.

A economia russa, no entanto, continuou sob a influência e pressão imediata da economia europeia. O caráter dessa influência se alterava de acordo com o modo de produção dominante na Europa. Na época da produção artesanal e manufatureira no Ocidente, a Rússia havia tomado emprestado da Europa técnicos, arquitetos, contramestres, e artesãos experientes em geral. Quando a manufatura foi substituída pela fábrica, a Rússia se concentrou principalmente em importar máquinas. Finalmente, quando, sob a influência direta das necessidades do Estado, a servidão foi abolida, dando lugar ao trabalho livre, a Rússia abriu as fronteiras para a ação direta do capital industrial. A escassa qualificação da população local levou a grandes migrações, que fizeram com que os russos de origem alemã, por exemplo, se transformassem em uma importante minoria étnica do Império, com um papel destacado nas atividades industriais e como profissionais liberais.

Durante o século XIX, Rússia quase quadruplicou a sua população. De 36 milhões em 1796 passou para 129 milhões em 1897, sendo superada em ritmo de crescimento, no mesmo período, apenas pelos EUA. A partir de 1861, o crescimento populacional da Rússia seguiu o mesmo padrão de crescimento da população das economias capitalistas avançadas. Até o ano de 1897, o avanço imperialista da Rússia rumo a possessões no Ocidente e no Extremo Oriente também mudou a composição populacional do Império em relação ao seu território original. Se, no final do século XVII, apenas 19% da população russa pertencia a territórios conquistados, em 1897, a população do território original e a daquele conquistado perfaziam cada uma 50% de sua população total. O crescimento populacional não se traduziu na transferência da população do campo para as cidades, mostrando apenas no final do século uma leve tendência de diminuição da população rural.

¹⁵ Leon Trotsky. 1905, ed. cit., pp. 26-27.



População da Rússia (milhões), 1722-1897									
Incluindo a Polônia, o Báltico e a Finlândia									
Ano	Território Original	%	Territórios Anexos	%	Total	Rural		Servos	
						milhões	%	milhões	%
1722	14	100%	***	***	14	13,5	96,4	***	***
1762	19	100%	***	***	19	14,5	***	7,6	52,4
1796	29	81%	7	19%	36	34,7	96,4	20	55,5
1815	30,5	68%	14,5	32%	45	43,3	96,2	20,8	46,2
1851	39	58%	28	42%	67	63,6	95	21,7	31,5
1859	45	61%	29	39%	74	69,8	94,3	22,7	30,7
1897	65	50%	64	50%	129	112,7	87,4	0	0

A dependência econômica russa se acentuou assim que o capitalismo industrial passou a predominar na Europa. O resultado da forma da evolução industrial na Rússia que, no seu conjunto, “saltou” os períodos do artesanato corporativo e da manufatura,¹⁶ assim como vários de seus ramos industriais também saltaram parcialmente certas etapas da técnica que no Ocidente haviam exigido décadas para se desenvolver, foi a concentração das forças produtivas na indústria de grande porte: em 1902, 53,6% dos operários estavam alocados em indústrias com mais de 500 operários cada uma, enquanto que na Bélgica apenas 28% deles estavam nessa condição, percentagem esta que não diferia muito das demais nações avançadas; o percentual de operários trabalhando em grandes fábricas (de mais de mil empregados) era de 38,5% na Rússia, em comparação com apenas 10% na Alemanha. Isto produzia a ausência de uma hierarquia intermediária entre os grandes dirigentes do capital e as massas populares.

A grande indústria não se desenvolveu “normalmente”, organicamente, passando pelas etapas do pequeno artesanato e da manufatura. O desenvolvimento combinado se manifestou, desse modo, com especial vigor na economia russa; a agricultura russa permanecia praticamente estagnada ao nível do século XVII, a

¹⁶ Nas palavras de Trotsky: “O capitalismo não se desenvolveu na Rússia a partir do sistema artesanal. Ele realizou a conquista da Rússia tendo atrás de si o desenvolvimento econômica de toda a Europa. Reduzindo à escravidão econômica este país atrasado, o capital europeu liberava os seus principais ramos da produção e os seus principais meios de comunicação de toda uma série de etapas técnicas e econômicas intermediárias, pelas quais eles tinham tido que passar nos seus países de origem”.

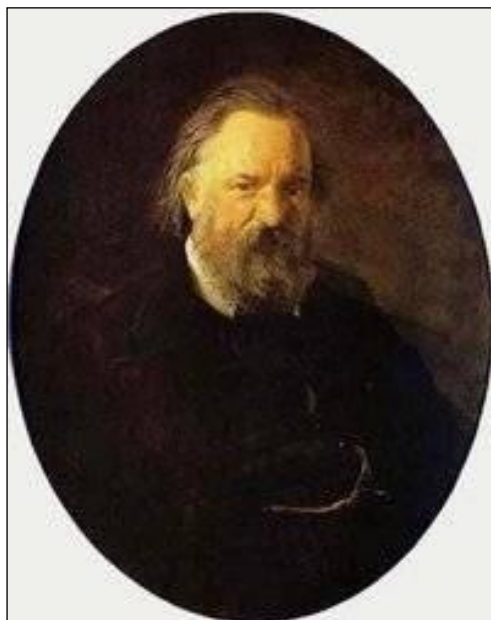


indústria russa, pelo contrário, por sua técnica e estrutura se encontrava ao nível dos países avançados, e em alguns aspectos os ultrapassava: “A característica marcante do processo de modernização da Rússia foi a incrível mistura e a qualidade *caleidoscópica* do cenário econômico em mutação”¹⁷: na Rússia coexistiam “todos os estágios da civilização; desde a selvageria primitiva das florestas setentrionais onde os habitantes alimentavam-se de peixe cru e faziam suas preces diante de um pedaço de madeira, até as novas condições sociais da vida capitalista, onde o operário socialista se considera participante ativo da política mundial e segue atentamente os debates do *Reichstag*. A indústria mais concentrada da Europa sobre a base da agricultura mais primitiva”¹⁸.

O resultado político da insignificância do artesanato e da pequena produção em geral, e do caráter extremamente desenvolvido da grande indústria, foi o afastamento da democracia burguesa e pequeno burguesa para um segundo plano, em condições de crescente eferescência social. Marx e Engels, no prefácio à edição russa do *Manifesto Comunista*, de 1882, constatavam: “E a Rússia? Durante a revolução de 1848-49, os príncipes e a burguesia europeia viam na intervenção russa a única maneira de escapar do proletariado que despertava. O Czar foi proclamado chefe da reação europeia. Hoje ele é, em Gatchina, prisioneiro de guerra da revolução, e a Rússia forma a vanguarda da ação revolucionária na Europa”. *O Capital*, publicado inicialmente em 1867 na Alemanha, recebeu sua primeira tradução no estrangeiro na Rússia, em 1872. O artesanato russo, à margem do processo de industrialização, não chegou a constituir, como no Ocidente europeu, o terreno social sobre o qual a democracia burguesa poderia se apoiar. A ausência de qualquer espécie de democracia levou por isso à pequena burguesia, sua base social natural na Europa, a adotar métodos clandestinos, conspiratórios e, finalmente, terroristas de oposição política. Em 1825, já, a revolta dos oficiais de baixa patente, os “dezembristas”, duramente reprimida depois de sua derrota, evidenciou o ingresso da Rússia em uma era (um século) de instabilidade política crônica e revoltas sociais e políticas de todo tipo. As revoltas foram mudando paulatinamente de caráter à medida que o capitalismo penetrava na economia e nas relações sociais russas.

¹⁷ Herbert J. Ellison. Economic modernization in Imperial Russia: purposes and achievements. *Journal of Economic History*, vol. 25, n° 4, Cambridge, 1965.

¹⁸ Leon Trotsky. *1905*. Paris, Seuil, 1969.



Alexander Herzen

A afirmação de que os países atrasados estavam fadados a reproduzir a sucessão das etapas que marcaram a evolução do capitalismo nos países avançados não levava em conta nem a análise das implicações econômicas do capitalismo imperialista, nem a afirmação do próprio Marx a respeito, respondendo à indagação da militante russa Vera Zassulitch, quanto à teoria que pretendia que todas as nações do mundo estavam constringidas pela necessidade histórica a percorrer todas as fases da produção social, escrevendo que “a fatalidade histórica deste movimento está expressamente restringida aos países da Europa ocidental”. As generalizações abstratas sobre um suposto desenvolvimento capitalista mundial uniforme baseavam-se na universalização do “modelo europeu”. A concepção predominante entre os marxistas europeus do final do século XIX e início do XX, que estabelecia que a revolução ocorreria em primeiro lugar nos países capitalistas mais avançados, através da união de condições objetivas e subjetivas que só estariam presentes na Europa industrializada, significava também que as categorias de “revolução burguesa” ou “democrática” e “revolução proletária” eram inconciliáveis e separadas por um muro histórico. A revolução proletária só poderia ocorrer em um país que tivesse passado por uma revolução burguesa, e preparado o terreno para a revolução posterior. Ela não poderia evoluir a partir da revolução burguesa num processo revolucionário contínuo.



Na Rússia, porém, o socialismo de base proletária inexistia, por carecer de base social. O *populismo* (*Narodnaia Volia*) surgiu na Rússia por volta de 1870, seus prosélitos eram intelectuais militantes que pretendiam instaurar o poder e o controle coletivos da economia agrária pelas comunidades rurais, derrubando a burocracia e o autoritarismo czarista. O objetivo comum dos populistas era promover a justiça e acabar com as desigualdades sociais existentes. O seu movimento ficou conhecido como o *narodnichestvo*; o termo derivava da expressão russa "*Khojdenie v narod*", "ir para o povo". Os populistas provinham em geral da classe média-alta: inspiravam-se nos anarquistas ocidentais, pensando poder levar a Rússia ao socialismo devido à existência de comunidades rurais organizadas em torno do *mir* (unidade de produção comunal agrária) que facilitariam sua implantação. A maior parte deles não tinha qualquer afinidade social com os lavradores russos e sua cultura, e muitas vezes nem sequer falavam sua língua, mas tinham a certeza de que no campesinato, na comunidade aldeã, estava a base para uma nova sociedade mais justa e harmônica, pois os camponeses ainda não haviam sido atingidos pela corrupção moral e material advinda do capitalismo industrializado.

Os populistas não se inspiravam em teóricos socialistas contemporâneos, mas nas teorias de Jean-Jacques Rousseau, que haviam inspirado a Revolução Francesa: o homem era bom em sua essência, a sociedade é o que o corrompia. Além da busca pela justiça social e da esperança no campesinato, havia muitas divergências entre os populistas. Um setor mais radical do movimento, que via urgência na revolução, pensava que o povo deveria ser forçado, se preciso fosse, a se revoltar. Propunham a destruição violenta do Estado czarista e depois conduzir eles próprios o processo que levaria a sociedade a um mundo melhor, era uma espécie de blanquismo de base pequeno burguesa e de escopo agrário; outro setor, mais moderado, condenava essa postura. Alexander Herzen fazia parte da segunda ala. Pensador da geração dos anos de 1840/1850, não compartilhava a ideia de um movimento violento, o povo deveria ser educado e conscientizado da necessidade da revolução. Temia que o processo revolucionário, conduzido por uma minoria de homens mais esclarecidos, independentemente de suas boas intenções, levasse à ditadura de uma elite intelectual, "tão inaceitável quanto àquela do czar"¹⁹.

¹⁹ "Por que a liberdade é valiosa? Porque constitui um fim em si, porque é o que é. Reduzi-la a um sacrifício a algo mais significa simplesmente realizar um ato de sacrifício humano". "Quem terminará conosco? A senil barbárie do centro ou a selvagem barbárie do comunismo, o sabre sangrento ou a barbárie vermelha?". "O comunismo varrerá nossas instituições, que serão, como diz delicadamente Proudhon, liquidadas. Lamento (a morte da civilização). Mas as massas não a lamentarão, as massas a quem ela não trouxe nada além de



Tchernichevski, um dos mais influentes pensadores da democracia revolucionária russa do século XIX, também se indagava sobre a questão²⁰.

Na tentativa de se aproximar dos camponeses, os intelectuais populistas aprenderam a falar como eles; a vestir-se como camponeses e a dançar com eles. Ao chegar às vilas do campo, vestidos apropriadamente como lavradores, cantando e dançando como tinham aprendido, chegaram a ser tomados por bruxos pelos camponeses russos; muitos destes intelectuais citadinos foram maltratados pelos camponeses, alguns foram julgados em improvisados tribunais locais. A *Okhrana* (polícia secreta czarista) respondeu também com repressão à agitação populista: revolucionários e camponeses foram espancados, presos e exilados. Ainda assim, os estudantes populistas continuavam a sentir-se responsabilizados pela situação social iníqua do país e achavam que precisavam agir para libertar os camponeses das desigualdades sociais. Esta forma de pensar, de criticar moralmente a sociedade foi “a principal contribuição dos russos à mudança social no mundo”²¹. Milhares de estudantes urbanos se deslocaram para o campo, com vistas a organizar a revolta camponesa, que periodicamente sacudia diversas regiões russas, permanecendo no entanto isoladas entre si. Em breve eles foram confrontados com uma realidade rural que era bem diferente da idealizada. Os *narodniks* tentaram ensinar aos lavradores o imperativo moral da revolta: não encontraram quase nenhum apoio. Os intelectuais idealizadores deste movimento concluíram que os camponeses russos não eram seus aliados, pois eram refratários à sua propaganda e às suas doutrinas. Terminado o capítulo de agitação no campo, alguns destes intelectuais enveredaram por uma nova estratégia: o terror político, com a criação do movimento “Terra e Liberdade” (*Zemlia i Vólia*) em 1876. Antes disso, a 6 de dezembro de 1876, o movimento populista organizou a primeira manifestação pública opositora da história russa.

lágrimas, penúria, ignorância e humilhação” (Aleksandr Herzen. *El Desarrollo de las Ideas Revolucionarias em Rusia*. México, Siglo XXI, 1979).

²⁰ “A história ama seus netos, pois lhes oferece o tutano dos ossos, com os quais a geração precedente machucou as mãos, ao tentar quebrá-los”. “Durante nosso século haverá outras batalhas; veremos seus potenciais de êxito. Para o resto, qualquer que seja o resultado, precisamos perceber que mesmo que percamos, nós meramente voltaremos à situação (anterior), o que inevitavelmente dará motivo para novas batalhas. E mesmo se tivermos êxito, não só na primeira batalha- e quem sabe o que irá acontecer? – mas também na segunda, na terceira, talvez na décima, nós ainda não vamos ter alcançando a vitória final, porque os interesses que são defendidos por nossa presente organização social são extremamente fortes”.

²¹ Isaiah Berlin. *Pensadores Russos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.



Nikolai Tchernitchevsky, autor do romance "Que Fazer?"

O auge do movimento populista foi vivido em 1877. Um líder *narodnik*, Stepniak, no entanto, escrevia em 1876 a seu amigo Lavrov: "Não conseguimos nem sequer mudar o pensamento de um entre 600 camponeses, quanto mais de um em sessenta". "O resultado foi a criação de uma estrutura partidária nesse mesmo ano, que estava mais centralizada do que os círculos frouxos dos anos 1860. Ela recebeu o nome de *Terra e Liberdade*, e deu menos importância à propaganda aberta, para se concentrar nas atividades conspirativas clandestinas"²². Depois dos métodos da revolução social, os *narodniks* se viraram para os métodos da conspiração, do terror e do golpe de Estado em nome do povo. Os escritos do populista Piotr Tkatchov marcaram esta transição²³. O açoitamento dos presos políticos levou à militante *narodniki* Vera Zassulich a buscar expressar a indignação geral, em 1878, com um atentado contra o general Trepov, responsável principal e visível pela repressão política²⁴. Seu exemplo repercutiu entre a

²² Orlando Figes. *La Revolución Rusa*. La tragedia de un pueblo (1891-1924). Madri, Edhasa, 2006.

²³ Franco Venturi. *Il Populismo Russo*. Turim, Einaudi, 1952.

²⁴ Vera Ivánovna Zassulich (1849-1919) foi militante destacada do movimento populista e, mais tarde, pioneira do movimento socialdemocrata na Rússia. Em 1883, exilada na Suíça depois de libertada da prisão, fundou o grupo "Emancipação do Trabalho", primeiro grupo socialista marxista russo, junto com Guiorgui Plekhánov e Pável Axelrod.



intelectualidade revolucionária, desprovida de apoio de massas. O que começou como um ato de vingança foi elevado ao estatuto de sistema em 1879-1881.

A atividade terrorista foi especialmente importante na Rússia. As reformas executadas pelo czar Alexandre II (entre 1861 e 1865), a abolição da servidão da gleba, a criação das câmaras municipais (*zemstvos*), a atenuação da censura na imprensa e nas universidades, foram provocadas pela crescente agitação interna e o fracasso da política externa do czarismo. A era das reformas na Rússia, devido sua timidez, gerou um descontentamento ainda mais amplo. Desgostou a nobreza porque tornou os camponeses "insolentes", e a estes, porque tiveram que se endividar para obter sua autonomia; à *intelligentsia* porque as reformas haviam sido insuficientemente profundas, não mudando a essência autocrática do regime czarista. Foi das camadas esclarecidas da população, que partiu a primeira tentativa de derrubar o regime por um movimento não palaciano. O fracasso dessa tentativa, e a repressão que se seguiu, levou-os a se embrenharem no caminho do terrorismo político. Em 1881 o czar Alexandre II foi fatalmente vitimado por uma jovem militante russa, Sofia Perovskaia. O terrorismo, no entanto, apenas reforçou ainda mais o aperto estatal e justificou a intensificação da opressão e da censura. É neste contexto que o marxismo surgiu como alternativa política. Engels chegou a escrever a Plekhánov (considerado o fundador do marxismo russo), em 1895: "Um *narodnik*, um ex terrorista, poderia terminar facilmente como partidário do czarismo", o que veio de fato a acontecer.

As *Memórias de um Terrorista*, de Boris Savinkov, compendiarão uma apologia do terrorismo. No prólogo de sua publicação póstuma, o marxista catalão Andreu Nin explicava que, no autor, "a devoção pelo procedimento, a fé cega na força todo-poderosa do terror, atingiram seu grau máximo". O livro concluía relatando, de modo detalhado, a descoberta de que o chefe da Organização de Combate dos social-revolucionários russos (SRs), o "partido" dos antigos populistas – a maior organização política de sua época - Azev, era na verdade um agente policial (que entregara boa parte da organização à repressão da *Okhrana*, a polícia política secreta do Czar), a partir de 1892 e durante quase duas décadas. A penetração da polícia acabou dizimando as organizações populistas. Savinkov concluiu sua trajetória como aliado das forças contrarrevolucionárias, suicidando-se depois de preso e condenado por um tribunal da URSS (que comutou sua inicial pena de morte)²⁵. Andreu Nin, dirigente da Internacional Comunista, relatou que

²⁵ Em agosto de 1917, como Ministro de Guerra, Savinkov intermediou as conversas entre o líder do "governo provisório", Kerensky, e o general Kornilov, que tentou um golpe de



“colaborou, depois da queda de Kerensky, com os generais Kaledin, Kornilov, Koltchak e Wrangel; organizou a rebelião antissoviética de Iaroslav, o grupo terrorista que preparou os atentados contra os líderes mais eminentes da revolução proletária; as iniciativas que, subvencionadas pela Inglaterra, França, Tchecoslováquia e Polônia, desenvolveram uma atividade criminosa no território da primeira República Operária”²⁶.

Um manual do terrorismo, em que o revolucionário era caracterizado como um “morto em sursis”, pois havia renunciado a toda e qualquer recompensa ou aspiração neste mundo, uma pessoa que já tinha renunciado à vida em prol da revolução (o que tornava “normal”, por exemplo, um atentado suicida), foi redigido pelo anarquista russo Serguei Netchaev (1847-1882) em 1869²⁷. Rússia virou “a pátria do terrorismo”. O “terrorista russo” se transformou em um personagem do imaginário e da literatura mundial. No seu romance de 1907 *O Agente Secreto*, e escritor anglo-polonês Joseph Conrad tinha como protagonista central um grupo terrorista que não possuía outro objetivo que o de cometer atentados. O romance, dizia o autor, lhe fora inspirado por uma fracassada (real) tentativa de explodir, em Londres, o Observatório de Greenwich, e ele o apresentava como um “simples relato do século XIX”. No grupo não faltava a inevitável presença do agente policial infiltrado (presumivelmente da polícia política russa, a Okhrana), mas o atentado fracassava devido a uma atrapalhão dos próprios executantes. O enredo era, para Conrad, uma parábola acerca da “criminal inutilidade (do terrorismo), da sua doutrina, ação e mentalidade, e sobre o desprezível aspecto de uma atitude demente, que explora as desgraças patéticas e as apaixonadas credulidades de uma humanidade sempre tão tragicamente disposta a se autodestruir”.

estado para esmagar a revolução russa iniciada em fevereiro desse ano. Em 1918, “Savinkov propôs um vasto plano insurrecional [contra o governo soviético] parcialmente financiado pela embaixada francesa. Ele queria assassinar Lênin e Trotsky” (Jean-Jacques Marie. *Lénine. La révolution permanente*. Paris, Payot, 2010, pp. 196 e 283).

²⁶ In: Boris Savinkov. *Memórias de um Terrorista*. México, Juan Pablos, 1973, p. 7. Nin ponderou: “Sua vida inteira consagrada à revolução e sacrificada por ela, não foram totalmente inúteis. O proletariado vitorioso na Rússia, que derrotou a burguesia e está edificando uma sociedade nova, embora não seguindo o caminho traçado por esses lutadores, conserva seus nomes profundamente gravados em seu coração e educa as novas gerações no respeito pela lembrança daqueles que, por uma via errada, assestaram duros golpes à autocracia, derramaram seu sangue e sacrificaram sua vida pela causa da emancipação” (p. 10).

²⁷ René Cannac. *Netchaiev, du Nihilisme au Terrorisme*. Aux sources de la révolution russe. Paris, Payot, 1961.



Serguei Netchaev

Os marxistas russos criticaram o terrorismo individual dos populistas e dos social- revolucionários: “Que um atentado terrorista, mesmo um que obtenha ‘êxito’, crie confusão na classe dominante, depende da situação política concreta. A confusão terá vida curta; o estado capitalista não se baseia em ministros de Estado e não é eliminado com o desaparecimento deles. As classes a que servem sempre encontrarão pessoas para substituí-los; o mecanismo permanece intacto e em funcionamento. Todavia, a desordem que produz um atentado terrorista nas filas da classe operária é muito mais profunda. Se para alcançar os objetivos basta armar-se com uma pistola, para que serve esforçar-se na luta de classes? Para nós o terror individual é inadmissível precisamente porque apequena o papel das massas em sua própria consciência, as faz aceitar sua impotência e volta seus olhos e esperanças para o grande vingador e libertador que algum dia virá cumprir sua missão... Nos opomos aos atentados terroristas porque a vingança individual não nos satisfaz. A conta que nos deve pagar o sistema capitalista é demasiado elevada para ser apresentada a um funcionário chamado ministro. Aprender a considerar os crimes contra a humanidade, todas as humilhações a que se vêm submetidos o corpo e o espírito humanos como excrescências e expressões do sistema social vigente, para empenhar todas nossas energias em uma luta coletiva contra este sistema: essa é a causa na qual o ardente desejo de vingança pode encontrar sua maior satisfação



moral”²⁸. No início do século XX, o terrorismo político voltou com força na Rússia, sob outra vertente política; com mais força, porém, reformulou-se a ideia de uma revolução popular para derrubar o regime autocrático.

²⁸ Leon Trotsky. *Terrorismo e Comunismo*. Rio de Janeiro, Saga, 1969.